ARTIGO

Deus, Pátria e Foro de São Paulo: três conceitos em Olavo de Carvalho

Deus, Pátria and Foro de São Paulo: three concepts in Olavo de Carvalho

Bernardo de Paula Magalhães[1]

Recebido em: 26/10/2025 / Aceito em: 24/01/2026
DOI: 10.12660/rm.v17n28.2025.94616

Resumo

Quais os significados foram dados por Olavo de Carvalho aos conceitos de Deus, Pátria e Foro de São Paulo? Quais as transformações em seus significados esses conceitos sofreram ao longo do tempo? Qual era estratégia usada por Olavo de Carvalho para disseminação desses conceitos? A fim de responder às questões propostas, o presente artigo vai descrever e analisar os usos que Olavo de Carvalho fez desses conceitos nos debates políticos que travou dos anos 1990 até 2022. O artigo também vai analisar a estratégia olavista de disseminação dos seus discursos. Com isso, espera-se contribuir para a construção de uma história das direitas no Brasil, das diversas variações que dada linguagem tiveram ao longo do tempo.

Palavras-chave: História dos discursos da direita; História dos conceitos; Nova esquerda; Nova direita; Guerras culturais.

Abstract

What meanings did Olavo de Carvalho ascribe to the concepts of Deus, Pátria, and Foro de São Paulo? How did the meanings of these concepts evolve over time? What strategies did Olavo de Carvalho employ to disseminate them? To address these questions, this article to describe and analyze how Olavo de Carvalho employed these concepts in the political debates he engaged in from the 1990s to 2022. The article will also analyze the strategies employed by Olavo de Carvalho to disseminate his discourse. In doing so, it seeks to contribute to the historiography of the Brazilian right and to an understanding of how its political language has varied and transformed over time.

Keywords: History of right-wing discourses; History of concepts; New left; New right; Culture wars.

[1] Mestre em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getulio Vargas (CPDOC). Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2468-8017. Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/9862510144024657. E-mail de contato: bdp.magalhães@gmail.com.

Introdução

Michael Freeden (2003, p. 51-53) rejeitou a definição tradicional de que ideologias políticas são *sistemas estáticos de crenças,* ou sistemas *de crenças determinados por interesses de classes*. Em vez disso, baseando sua definição na linguagem ordinária dos participantes e na relação entre semântica e história, ele considerou que as ideologias são discursos posicionais e perspectivos, os quais são perpassados e tensionados por mudanças culturais, históricas e linguísticas, devendo ser observadas em três dimensões: vocabulário, semântica e sintaxe.

A dimensão do vocabulário refere-se às palavras e aos termos utilizados pelas ideologias para expressar suas ideias, sendo que tais palavras e termos podem mudar ao longo do tempo. A dimensão da semântica refere-se aos significados atribuídos pelos discursos ideológicos aos seus termos e conceitos, sendo importante ressaltar que, embora muitas vezes o termo não mude, seus significados podem mudar ao longo do tempo, ou, até mesmo, num mesmo tempo, a chamada sincronia-diacronia. E a dimensão da sintaxe engloba as formas e as estruturas discursivas que as ideologias utilizam para se expressar, ou seja, suas performances linguísticas.

Nesses termos, uma análise de um dado discurso ideológico deve levar em conta o conjunto de seus conceitos estruturantes, suas transformações, e suas performances linguísticas.

Partindo dessa forma de análise dos discursos o presente artigo vai analisar conceitos caros ao discurso do polemista brasileiro Olavo de Carvalho, uma das figuras intelectuais mais destacadas das direitas do Brasil do contexto dos anos 2010, sendo, por exemplo, uma das leituras mais comuns entre aqueles que foram as ruas pedir o impedimento da então Presidente Dilma Rousseff entre 2014 e 2016 (Messenberg, 2017).

Como se sabe, o nascimento e/ou crescimento das direitas no Brasil dos anos 2010 é ponto de grande interesse acadêmico. Explica-se. Entre a fundação da Nova República e os anos 2010, tem-se um quadro do que se convencionou chamar de *direita envergonhada* e que será aqui caracterizada nos seguintes termos: (i) ausência de movimentos de rua das direitas. Desde o ciclo de manifestações contra o regime autoritário, que culminou na campanha pelas Diretas Já, até meados de 2010, foram as esquerdas que dominaram as ruas(Tatagiba; Trindade; Teixeira, 2015); (ii) os partidos de direita atuantes no Congresso nesse período, no mínimo, negavam a

tradição histórica das direitas, e, no máximo, até se negavam como direitas, deslocando seu discurso para o terreno da distribuição de recursos (Mainwaring; Meneguello; Power, 2000); (iii) perda de relevância dos militares na política; (iv) ausência de movimentos de base e de um mercado editorial marcadamente de direita.

Ocorre que, a partir dos anos 2010, assiste-se a um *nascimento e/ou reativação das direitas* (Singer, 2018), que será aqui caracterizada nos seguintes termos, passou a existir: (i) um quadro de mercado editorial intelectual das novas direitas (É Realizações; Vide Editorial, Record), *think tanks* (IFE, Misses, Millenium), ativismo digital, jornais/revistas (Dicta e Contradicta), (ii) movimentos de rua e partidos políticos, que se reivindicavam como pertencentes às direitas (MBL e Novo), e a decadência dos tradicionais partidos vistos como de direita (Ribeiro, 2014) e; (iv) igrejas abertamente e sistematicamente contrárias às pautas das esquerdas (Mariano, 2014).

A trajetória de Olavo de Carvalho se confunde com esses movimentos pendulares. Nos anos 1960 e 1970, ele alega ter sido um militante de esquerda e jornalista em diversos veículos de comunicação, tais como Jornal da Tarde, Quatro Rodas etc. Nos anos 1980, abandonou a esquerda, se envolvendo com o tradicionalismo de René Guénon, escritor francês que postulou a existência de uma verdade única e primordial (Lei Perene), que subjaz a todas as grandes tradições religiosas. Nessa época, se tornou discípulo de uma tariqa sufista, cujo líder era um escritor tradicionalista, Frithjof Schuon. O sufismo é a dimensão esotérica do Islã, que permitiria ao indivíduo transcender a realidade material, algo que iria além dos rituais formais das religiões (Sedwick, 2020, p. 86 e 105). No fim dos anos 1980, Olavo de Carvalho abandonou a tariqa. Nos anos 1990, ele começou a escrever livros e artigos de intervenção no debate público. A partir dos anos 2000, realizou cursos on-line de filosofia e participou ativamente das redes sociais, a fim de disseminar seu discurso político. Com isso, conseguiu, ao longo dos anos, se tornar uma figura importante das direitas brasileiras, reinterpretando a história e a política à luz de uma guerra cultural entre a tradição ocidental cristã e as esquerdas (Castro Rocha, 2020; Mariutti, 2020; Silva, 2021; Chaloub, 2022; Mussi; Bianchi, 2022).

Dessa forma, os estudos dos conceitos usados nos discursos de Olavo de Carvalho ajudam a iluminar os debates públicos travados durante o período inicial da Nova República até as crises dos anos 2010. Três foram os conceitos escolhidos para

fins deste artigo, quais sejam: *Deus, Pátria, Foro de São Paulo*. Também serão analisados conceitos correlatos a estes, quando usados como sinônimos (*Cristo, Espírito, Absoluto, Brasil, EUA, Comunismo*). A eles serão aplicadas as seguintes perguntas: (i) quais os significados foram atribuídos por Olavo de Carvalho aos conceitos de *Deus*, *Pátria* e *Foro de São Paulo*? (ii) quais as transformações em seus significados esses conceitos sofreram ao longo do tempo? (iii) qual era estratégia usada por ele para disseminação desses conceitos?

Segue abaixo, justificava para a escolha de cada um desses conceitos.

O conceito de *Deus* é, talvez, um dos mais presentes na história dos discursos das direitas. Analisar sua presença em Olavo de Carvalho permite observar como ele o atualizou para ser um instrumento de crítica cultural e em base para um projeto político-moral de restauração de uma civilização religiosa tradicional, o que foi, depois, atualizado para uma civilização cristã.

O conceito de *Pátria* não envolve em Olavo de Carvalho uma presença constante, mas sim uma ausência. Normalmente as direitas mobilizam símbolos identitários em torno de um discurso nacionalista. Ocorre que os usos da *Pátria* não aparecem dessa forma em Olavo de Carvalho. Estudar sua forma particular de patriotismo revela um novo tipo de uso desse conceito nas direitas contemporâneas.

O *Foro de São Paulo* é crucial para entender o caráter conspiracionista e geopolítico de seu pensamento, no qual o Brasil é visto como campo de batalha central entre forças *globalistas* e *tradicionais*. Estudá-lo ajuda a revelar como Olavo reatualiza antigas retóricas anticomunistas para o contexto político do século XXI.

Para analisar a evolução desses conceitos, serão pesquisados os seguintes livros de Olavo de Carvalho. Dos anos 1980, fase dos primeiros livros: *Astros e símbolos*, 1985 e *Fronteiras da Tradição*, 1986. Ambos são livros não diretamente políticos, mas importantes para sua formação tradicionalista e guenoniana. Depois, os anos 1990, quando começa a participar do debate político: *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*, 1ª edição, 1994, e 4ª edição, ampliada de 2014, e *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil*, 1ª edição, 1995, 2ª edição, 2000, 3ª edição, 2015, na qual foi acrescida uma entrevista memorialística no fim. No primeiro livro, Olavo de Carvalho identifica na nova era e no pensamento gramsciano uma transformação cultural e espiritual voltada à destruição da ordem moral tradicional e à substituição

de Deus por uma visão relativista e imanentista do mundo. No segundo livro, Olavo de Carvalho desenvolve uma interpretação filosófica e histórica da civilização ocidental, sustentando que ela estaria em processo de decadência devido ao predomínio do materialismo, do racionalismo moderno e da perda de fundamentos espirituais.

Ademais, serão pesquisados livros, que consistiram em reunião de artigos publicados na imprensa e na internet, quais sejam: *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras*, 1ª edição, 1996, e 7ª edição, 1999, e *O imbecil coletivo II: A longa marcha da vaca para o brejo e, logo atrás dela, os filhos da PUC, as quais obras juntas formam, para ensinança dos pequenos e escarmento dos grandes*, 1ª edição 1998, reunião de ensaios e artigos em que critica duramente o ambiente intelectual e acadêmico brasileiro, acusando-o de mediocridade, conformismo ideológico e submissão ao marxismo cultural. Será pesquisado também o livro *Os EUA e a Nova Ordem Mundial*, 1ª edição, 2012, no qual Olavo de Carvalho discute com o tradicionalista Alexandr Dugin as tensões geopolíticas entre o globalismo liberal ocidental e as potências tradicionais, defendendo uma visão em favor da tradição cristão dos EUA. O penúltimo livro é *O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota*, 1ª edição, 2013, uma coletânea de textos e artigos dos anos 2000 e início dos anos 2010. Por fim, o livro *O Foro de São Paulo*: A ascensão do comunismo latino-americano. 1. edição, 2022, reunião de textos de Olavo de Carvalho acerca do conceito supracitado.

É importante salientar que outros conceitos, como *Intelectual, Estado, Família, Tradição, Hierarquia, Educação, História, Liberalismo, e Marxismo Cultural* poderiam ser igualmente escolhidos para fins deste artigo. Ocorre que ou esses conceitos já foram tratados em oportunidade passada ou ainda serão em um futuro próximo.

Por fim, ressalva-se as limitações deste artigo. De fato, não é o objetivo central dele responder as perguntas relativas à validade factual dos discursos olavistas, sua correção teórica ou entender seus discursos à luz das teorias que estudam as teorias da conspiração. Em outras palavras, se Olavo de Carvalho afirmar: "*a indústria do cinema brasileiro é comandada por comunistas*", o artigo buscará, precipuamente, entender o sentido no qual ele empregava os conceitos de *indústria do cinema* e *comunismo*, e o que isso fazia no contexto linguístico e histórico da época. Dessa forma, ficarão para um outro momento confirmar ou negar factualmente a afirmação,

verificar a correção de seu entendimento do que seja comunismo ou entender como essa afirmação funciona de acordo com uma teoria que estuda os usos discursivos das conspirações.

Deus

Em *A Construção Ideológica do Modelo Totalitário Brasileiro*, Rodrigo Oliveira e Michelle Nascimento (2016) descrevem como o conceito de *Deus* desempenha papéis diferentes no pensamento de Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Para Salgado, *Deus* é o princípio espiritualista organizador da sociedade e da nação, fundamento moral da tríade *Deus, Pátria e Família*. Barroso vê *Deus* como símbolo espiritual que legitima o integralismo frente ao liberalismo, ao comunismo e ao judaísmo. Reale usa bem menos o conceito de *Deus*, o fazendo como religiosidade cívica, integrando dimensão espiritual e ordem política como coesão nacional e base ética do Estado. Após o integralismo, o conceito de *Deus* continuou a ser mobilizado estrategicamente pelas direitas. Em Plínio Corrêa de Oliveira, Deus é fundamento teológico e moral da luta contra o comunismo e a modernidade secular (Zanotto, 2001; Caldeira; Zanotto, 2013). Nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade (1964), *Deus* simbolizava defesa da fé, da moral e da propriedade privada, funcionando como eixo de mobilização anticomunista e de restauração da ordem social tradicional (Cordeiro, 2021).

Inicialmente os usos do conceito de *Deus* em Olavo de Carvalho eram distintos dos usos acima citados. Isso porque, o Deus olavista estava, em seus primeiros livros, inserido nas chamadas *doutrinas tradicionais*, ou seja, no sistema filosófico do tradicionalismo (Carvalho, 1986, 4) Com efeito, Olavo de Carvalho apresenta *Deus* como uma reunião dos princípios comuns à todas as religiões verdadeiras (cristianismo, islamismo, judaísmo, hinduísmo e budismo). Confira-se no exemplo colhido abaixo como o *Deus* dos primeiros livros de Olavo de Carvalho ainda estava distante do *Deus* católico das direitas do Brasil e do *Deus* político dos seus próprios livros futuros. Chama atenção também como Olavo de Carvalho parecia ter uma clara simpatia ao Islã por sua resistência a modernidade:

> Mas sempre restam alguns pilares que nunca cedem, e ao pé dos quais um homem pode se abrigar, reencontrando um pouco do sentido tradicional da vida em meio ao “vácuo atormentado” da sociedade moderna. Há sempre alguma igreja, ou rito, ou grupamento espiritual

> autêntico, onde se podem ouvir uns ecos da Palavra inicial dirigida por Deus aos homens. Na Europa e nos Estados Unidos, o avanço impressionante do Islam nos últimos anos mostra algo mais, até, do que uma simples sobrevivência do impulso para a vida tradicional: mostra uma inesperada vitalidade sob as densas camadas de torpor (Carvalho, 1985, p. 11).

Em *A nova era e a revolução cultural*, 1994, Olavo de Carvalho começa a abandonar esse *Deus* único de todas as religiões, apresentando um primário conceito de *Deus* cristão em oposição a dois inimigos centrais: Gramsci e a *nova era*. Por um lado, Antonio Gramsci representa a ameaça ideológica da esquerda: a tentativa de transformar a sociedade a partir de uma hegemonia cultural, minando valores tradicionais e cristãos (Carvalho, 2014, p. 10/11). Por outro lado, a *nova era* constitui uma ameaça espiritual e cultural mais difusa, marcada pela diluição da religiosidade tradicional em práticas e crenças ecléticas.

> Tarefa que é, em essência, a de romper o círculo de limitações e constrangimentos que o discurso ideológico tem imposto às inteligências deste país, a de vincular a nossa cultura às correntes milenares e mais altas da vida espiritual no mundo (...) tarefa que é, no seu mais elevado e ambicioso intuito, a de remover os obstáculos mentais que hoje impedem que a cultura brasileira receba uma inspiração mais forte do espírito divino e possa florescer como um dom magnífico a toda a humanidade (Carvalho, 2014, p. 8).

Olavo de Carvalho sistematiza melhor esse conceito de *Deus* em *O jardim das aflições*, 1995. *Deus* está agora ligado ao cristianismo, sendo o eixo ontológico e moral que estrutura a crítica olavista à modernidade e à secularização. *Deus* aparece como o fundamento transcendente que garante a ordem do ser e do conhecimento, em oposição ao humanismo e ao racionalismo moderno, que, segundo ele, romperam o vínculo entre o homem e o absoluto a partir de Hegel.

> Com requintada habilidade sofística, o autor da Filosofia da História argumenta, de fato, em favor do cristianismo, mas sublinhando que, como o Estado moderno incorpora e realiza em suas leis a essência perfeita do cristianismo, a Igreja se tornou desnecessária e o Estado vem a ser a suprema autoridade religiosa. (...) se de um lado não há como duvidar da sinceridade com que ele defende a liberdade da consciência individual, de outro lado é fato que, ao fazer do Estado moderno a condição necessária e suficiente dessa liberdade – omitindo-se de defendê-la contra o Estado mesmo –, ele acaba se colocando, meio às tontas, a serviço da causa que mais nitidamente caracteriza a política do Anticristo sobre a Terra: investir o Estado de

> autoridade espiritual, restaurar o culto de César, banir deste mundo a liberdade interior que é o reino de Cristo (Carvalho, 2000, p. 120-121)

Um dos eixos conceituais do livro é a oposição entre *Deus* e o *Império*, este último representado, na modernidade, pelos Estados Unidos da América: O *Império*, entendido tanto como categoria política quanto metafísica, representa a usurpação do lugar de Deus pelo poder humano, seja o Estado, o mercado ou a ideologia. Assim, a recuperação de *Deus* seria, para Olavo de Carvalho, uma forma de resistência espiritual ao totalitarismo moderno.

> Se, de um lado do mundo, o Estado imperial leigo usurpou o manto de Cristo, do outro lado o sionismo ateu usurpou a autoridade de Moisés e a ideologia fundamentalista usurpou a mensagem corânica trazida por Mohammed. O que está em jogo no mundo não é, portanto, um mero conflito entre ideologias, mas sim a possibilidade de sobrevivência espiritual da humanidade num mundo onde todas as opções ideológicas díspares e antagônicas se uniram num pacto entre inimigos para varrer da face da Terra o legado das antigas religiões – pelo menos das três grandes religiões do grupo abrahâmico –, de cujo crédito essas ideologias se alimentam parasitariamente. A total laicização do Estado imperial trouxe consigo a laicização de todos os conflitos, o rebaixamento de todas as religiões e de todos os valores civilizacionais, a degradação de todos os motivos pelos quais os homens vivem e morrem O Império é a tentativa de substituir a providência divina por um sistema de controle total do real (Carvalho, 2000, p. 195).

Como se nota, embora fosse, sem dúvida, cristão, o *Deus* presente nas obras dos anos 1990 de Olavo de Carvalho ainda carrega fortemente a tradição, ou seja, as outras religiões e as outras formas de tradicionalismo não são criticadas, são igualmente vítimas do Império, do ateísmo, do terrorismo, da *nova era* e das religiões de matriz africana. Nesse sentido, confira-se abaixo trecho extraído do livro seguinte, qual seja, *O Imbecil Coletivo*:

> Mas é no tópico da religião que as reivindicações do movimento black chegam ao cúmulo do absurdo. Por que um branco deve tomar os cultos africanos como elevadas expressões da cultura negra, se a maioria dos negros que há no mundo se converteram ao Islam e hoje abominam esses cultos como idolatria politeísta? Um sheikh negro, pregando numa mesquita de Adis-Abeba ou de Nova York, lhes dirá que o culto afro é a desgraça da raça negra, um resíduo de tribalismo que deve ser sepultado no esquecimento como os árabes sepultaram os seus cultos pré-islâmicos. Aliás não é preciso ir tão longe. A toda hora vejo na TV pastores evangélicos negros e mulatos dizendo que umbanda e candomblé são religiões do capeta e apontando esses

> cultos como causas do milenário azar da raça negra. Alguns apelam a um temível argumento weberiano: É imaginável um país rico, próspero e culto governado por praticantes de vodu? A economia da Suíça com a religião do Haiti? (Carvalho, 1999, p. 76-77)

Isso muda a partir dos anos 2000, momento no qual Olavo de Carvalho passa a ver no Islã uma ideologia, essencialmente, totalitária, que busca dominar todos os aspectos da vida humana, desde a política até a moralidade pessoal. Além disso, Olavo de Carvalho passa a associar o Islã a um processo de islamização da sociedade ocidental, caracterizado pela imigração em massa e pela imposição de normas culturais e religiosas muçulmanas, o que, segundo ele, representa uma ameaça à identidade e aos valores da civilização ocidental.

> O Islam tem seduzido muitos conservadores desesperados por meio de apelos a "valores tradicionais", à "revolta contra o mundo moderno" etc. Já passei por isso trinta anos atrás. Com duas diferenças: Tive a sorte de me filiar a uma tariqa na qual nem se falava de "conversão". Na época o terrorismo islâmico era incipiente, parecia uma anomalia passageira sem a menor conexão com a "autêntica tradição" muçulmana. Hoje em dia, todo cristão de origem que desespera da Igreja e vai buscar "valores tradicionais" no Islam (ou até na Rússia de Putin) é apenas um inocente útil a serviço de algo cuja malignidade lhe escapa por completo (Carvalho, 2015b)

O *Deus*, que outrora fora contrário ao *Império* dos EUA, dará lugar a um Deus criatura dos EUA e, em menor grau, de Israel. Emerge nas últimas obras de Olavo de Carvalho (*Os EUA e a Nova Ordem Mundial, 2012,* e *O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota, 2013)* um Deus cristão pessoal, cujo enraizamento está no sul dos Estados Unidos da América, no Sul da Confederação, e que se coloca contra outras religiões e outras formas de tradicionalismo, como o projeto de Alexandr Dugin.

> § 5. De que lado estou?
> Isso não quer dizer, evidentemente, que eu não seja a favor de nada, nem veja forças positivas em ação no mundo. Mas, precisamente, essas forças não se contam entre os agentes principais em disputa e não têm, ao menos no momento, nenhum plano ou estratégia global que possa neutralizar ou desarmar os três monstros. Entre elas, eu destacaria: (1) as comunidades cristãs, católicas ou protestantes, de todos os países; (2) a nação judaica; (3) o nacionalismo conservador americano. Nenhuma das três está lutando para dominar o mundo. Ao contrário: por um decreto unânime dos blocos globalistas, as três estão marcadas para morrer (Carvalho, 2012, p. 54).

Em 2015, em entrevista para nova edição d'*O Jardim das Aflições*, Olavo de Carvalho afirma que quando da publicação da 1ª edição, 1995, ainda não tinha contato com a circulação de ideias políticas nos Estados Unidos promovidas por figuras como Glenn Beck, Rush Limbaugh, Mark Belling e Tucker Carlson, que alcançavam milhões de pessoas, especialmente no sul do país. Anos depois, essas ideias representariam um ponto de virada no pensamento de Olavo de Carvalho sobre o papel dos Estados Unidos na história das religiões e da decadência mundial. O discurso dessas figuras promovia um excepcionalismo americano alinhado aos valores tradicionais, conservadores, patriarcais e racistas, perfeitamente compatível com os elementos tradicionalistas presentes em sua própria visão de mundo (Carvalho, 2011; Carvalho, 2015a, 296-297)

Pátria

Assim como no caso de *Deus*, Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale apresentavam concepções distintas de *Pátria*: Salgado via a pátria como entidade espiritual e moral, ligada a valores cristãos, à missão divina do Brasil e ao folclore indígena. Barroso enfatizava a identidade nacional baseada no racismo e no sangue. Reale defendia um nacionalismo fundamentado na ordem, na justiça e na ética cívica, concebendo a pátria como construção política e moral. Após o integralismo, as direitas continuaram a mobilizar o conceito de *Pátria*, como em Plínio Corrêa de Oliveira, que a via como síntese moral e espiritual do Brasil, ligada à fé, família e propriedade, ameaçada pelo comunismo e pela modernidade secularizante (Zanotto, 2001). Nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade (1964), a *Pátria* se concretizava em mobilização social, funcionando como símbolo de unidade nacional e defesa da ordem política, estimulando engajamento cívico e vigilância frente às ameaças percebidas (Cordeiro, 2021).

Um ponto conceitual interessante em Olavo de Carvalho reside em algumas ausências, notadamente na ausência desse nacionalismo que é tão típico das direitas do Brasil, Em *A nova era e a revolução cultural*, 1994, por exemplo, Olavo de Carvalho não faz usos desses símbolos, ele apenas coloca o Brasil como campo de batalha cultural onde se chocam três forças: o cristianismo ocidental tradicional, a *espiritualidade difusa* e o marxismo. Do mesmo modo, em *O jardim das aflições*, 1995, e *O Imbecil Coletivo*, 1996 e 1998, ele enxerga o Brasil como parte da crise intelectual,

espiritual e política do Ocidente moderno. Reside nesses livros um profundo lamento de que o Brasil é um país dominado pelas esquerdas, nos quais cabe aos intelectuais das direitas um papel de menor relevância.

> Nunca, em toda a História do Brasil, a esquerda enxergou tão lucidamente o tabuleiro político e dirigiu com tamanha habilidade o movimento do conjunto, onde as peças isoladas nem mesmo suspeitavam que seus gestos, que tomavam por pessoais espontâneos, tinham sido calculados de fora para encaixar-se na harmonia de uma orquestração geral (...) o conservadorismo falou com rara eloquência pela boca de Saint-Exupéry, Georges Bernanos, T. S. Eliot, como hoje pela de Alain de Benoist e Roger Scruton. Nada de semelhante se observa no Brasil, onde, depois de João Camilo de Oliveira Torres e José Guilherme Merquior, a voz da direita não se fez ouvir senão através de Plínio Correia de Oliveira, demasiado comprometido com um movimento paramilitar para que suas idéias possam contar num debate pacífico, e de Gustavo Corção, demasiado rígido — apesar do talento fulgurante — para poder desempenhar num diálogo algo mais que o papel de censor (Carvalho, 2000, p. 191-192)

A partir dos anos 2000, especialmente a partir de sua ida aos EUA, Olavo de Carvalho passa a desprezar, de forma enfática, a *tradição brasileira*, passando a ocupar papel central em seus discursos a cultura cristã dos EUA. Confira-se abaixo como diversas das noções de Plínio Salgado são explicitamente desprezadas por Olavo de Carvalho:

> O integralismo foi um fascismo abrandado e inofensivo, um ultranacionalismo sem racismo, que celebrava a glória de índios, negros e caboclos. Os escritos de Plínio hoje nos parecem melosos e de um hiperbolismo delirante. Politicamente, seu único pecado é a completa tolice. Moralmente, são inatacáveis. Que vergonha existe em ter seguido esse líder? Nenhuma, evidentemente (Carvalho, 2000).

A partir dos anos 2000, a exaltação aos EUA vai ganhando força, acompanhada de uma visão depreciativa do Brasil. Em diversos artigos escritos nesse período, Olavo de Carvalho elogia os EUA, destacando sua estabilidade política. Ele observa que, ao contrário de países latino-americanos e europeus, os EUA não passaram por revoluções significativas, o que contribuiu para sua prosperidade econômica. Além disso, Olavo de Carvalho enfatiza a importância da tradição cristã na formação da identidade norte-americana, sugerindo que essa base religiosa foi fundamental para o desenvolvimento moral e ético da nação (Carvalho, 2013, p. 62, 96, 117 e 148).

Isso chega ao seu zênite em *Os EUA e a Nova Ordem Mundial*, 2012, no qual Olavo de Carvalho apresenta os EUA, e, em grau menor, Israel, como o modelo máximo de civilização cristã[2] e moralidade pública, contrapondo-os a um Brasil descrito como corrupto, preguiçoso e moralmente degenerado. Essa inversão produz o que pode ser chamado de um *nacionalismo auto-xenófobo*. Nesse livro, Olavo de Carvalho descreve sua vida na Virgínia de modo quase mítico, enaltecendo a hospitalidade, a religiosidade e a honestidade dos norte-americanos e contrapondo essa experiência à suposta decadência moral brasileira. Mesmo diante de gestos de solidariedade dos norte-americanos ao Brasil, como "a coleta de dinheiro para os meninos de rua" em uma igreja metodista, ele reage com escárnio, afirmando sentir "vergonha" ao constatar que esses jovens "só estão na rua porque gostam" (Carvalho, 2012, p. 59)

Em verdade, Olavo de Carvalho parece aqui ligado à uma outra tradição das direitas do Brasil, a qual já habitou em figuras como Bruno Tolentino, Paulo Francis, Roberto Campos e Diogo Mainardi. Embora com enfoques distintos, esses autores articularam um *nacionalismo auto-xenófobo* a partir de uma perspectiva cultural e intelectual, denunciando o que viam como um nacionalismo provinciano e autocomplacente, que limitava a inserção do Brasil no Ocidente (Tolentino, 1996; Mainardi, 1998; Campos, 2004, Francis, 2012).

Esse tipo de nacionalismo pode provocar certo espanto, mas existe um ponto interessante a ser destacado: é comum no discurso dos intelectuais da esquerda se aduzir que existem dois *brasis* em disputa. Por exemplo, tanto em Luiz Antonio Simas quanto em Vladimir Safatle existe a noção de que o Brasil contemporâneo é atravessado por uma cisão profunda entre dois projetos de país. Em Simas, essa oposição assume contornos culturais e civilizatórios: de um lado, um Brasil autoritário, hierárquico e branco, herdeiro da colonialidade e do cristianismo moralista; de outro, o Brasil da rua, do corpo e do axé, plural, mestiço e insurgente, que resiste por meio da cultura popular, da ginga e da invenção cotidiana. Já em Safatle, a dualidade é pensada em termos políticos e subjetivos: o Brasil do medo e da ordem, que busca segurança na autoridade e na moral tradicional, enfrenta o Brasil da emancipação, que aposta na ruptura com as estruturas de dominação herdadas da escravidão e do

[2] O modo como Olavo de Carvalho combina um ataque ao *sionismo ateu* e uma defesa enfática da *tradição cristã do Estado judaico* ficará para uma pesquisa futura.

capitalismo neoliberal. Ambos convergem na leitura de que essa clivagem não é apenas política, mas simbólica, uma luta entre formas de vida incompatíveis, em que o futuro do país depende de qual Brasil prevalecerá (Simas, 2019; Safatle, 2025).

É inegável que o mesmo acontece, ao avesso, nessa visão de *Pátria* olavista. Há um Brasil verdadeiro, enraizado na tradição cristã, na moralidade patriarcal e na defesa da civilização ocidental, e outro Brasil corrompido, dominado pelo globalismo, pelo marxismo cultural e pela degeneração moral promovida pelas esquerdas e pela modernidade secular. Também nesse caso existe uma luta a ser travada em prol do Brasil verdadeiro.

> Por ser tão antiamericano quanto a esquerda brasileira, ele (Dugin) seria "muito mais pró-Brasil" do que eu, como se o esquerdismo que vigora no Brasil fosse a mais pura expressão da cultura patriótica e não o enxerto importado que realmente é (...) Quem quer que tenha acompanhado as grandes mudanças na política econômica, jurídica e cultural do Brasil nos últimos vinte anos sabe que todas elas vieram prontas das centrais globalistas – ONU, OMS, UNESCO, Bilderberg, Rockefeller, Fundação Ford, George Soros, etc. Em política econômica, os últimos governos brasileiros nada mais fizeram que seguir fielmente as instruções do Banco Mundial. No campo da saúde, todas as reformas adotadas foram recomendações expressas da OMS. E nem preciso mencionar a alegria obscena com que o governo Lula cedeu até mesmo partes do território brasileiro à administração internacional, contra a vontade expressa da população local (Carvalho, 2012, p. 46).

Nessa oposição, uma certa parte dos EUA ocupa um papel central: representa o bastião da liberdade e da civilização cristã ocidental, modelo de resistência ao comunismo e ao totalitarismo. Assim como no Brasil, existe nos EUA uma luta entre dois tipos de país, um *para fora (globalista)* e um *para dentro (cristão)*. Confira-se esse artigo de 2004:

> Mas os EUA permanecem num constante vaivém entre o desejo de afirmar sua independência contra as pretensões do globalismo e a tentação de tomar as rédeas do processo para conduzi-lo a seu modo. Assumir a liderança da uniformização mundial, arriscando perder a soberania e desarmar-se contra agressões letais, ou então entrincheirar-se numa autoafirmação nacionalista com o risco de desmantelar a aparente "ordem internacional" e suportar a hostilidade consequente, eis as opções que se oferecem aos EUA (Carvalho, 2013, p. 159).

Foro de São Paulo

Em sua tese, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil* (1917–1964), Rodrigo Patto Sá Motta mostra que o conceito de comunismo foi constantemente utilizado pelas direitas brasileiras como instrumento de coesão interna e deslegitimação de adversários (Motta, 2000). Por exemplo, no integralismo de Plínio Salgado, o comunismo aparecia como a negação da alma nacional e da unidade espiritual do Brasil, um inimigo estrangeiro a ser combatido por um Estado cristão (Oliveira; Nascimento, 2016). Para Plínio Corrêa de Oliveira, tratava-se de uma ofensiva civilizacional e religiosa (Zanotto, 2001; Caldeira, 2013) que visava destruir a Igreja e a moral católica, associando-o ao *Reino do Anticristo*. Essa retórica ganhou força nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade (1964), quando o anticomunismo se transformou em mobilização pública em defesa da fé, da ordem e da pátria. Nesse sentido, confira-se abaixo, como uma das organizadoras das *Marchas*, Amélia Molina Bastos, fez usos dos conceitos de *Deus, Pátria e Comunismo* aqui trabalhados:

> Contra os que tramavam o aniquilamento das instituições democráticas; ameaçavam as nossas crenças e nos conduziam pelo despenhadeiro do amoralismo político, do caos econômico e financeiro, da desordem social, da indisciplina nas escolas e nas fábricas, nos campos e nos quartéis para o abismo do comunismo brutal, ateu e antibrasileiro (Simões, 1985, p. 110).

Olavo de Carvalho seguiu essa tradição das direitas do Brasil, entendendo o *comunismo* como um perigo iminente, materialista, ateu, totalitário, negador da liberdade individual (Carvalho, 2013, p. 292-293). Mas ele foi além. Em seus discursos, o conceito de *comunismo* apareceu, em muitos momentos, em conjunto com outro conceito, esse sim sua grande contribuição teórica ao *anticomunismo*, qual seja, o conceito de *Foro de São Paulo*, que ocupou um espaço discursivo de ser o agente externo financiador e conspiratório em um mundo pós-soviético.

Como se sabe, o Foro de São Paulo existe, sendo uma organização fundada em 1990 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), juntamente com outros partidos e movimentos de esquerda da América Latina, com o objetivo de promover o diálogo, a troca de experiências e a cooperação entre essas organizações políticas. Trata-se de um fórum de debate e articulação que busca fortalecer projetos políticos e sociais de inspiração progressista na região, discutindo temas como democracia, direitos

humanos, políticas sociais, integração latino-americana e desenvolvimento econômico (Soares, 2020).

O *Foro de S. Paulo* não apareceu nos primeiros livros de intervenção política de Olavo de Carvalho (*A revolução cultural,* 1994 e *O jardim das Aflições,* 1995*, O Imbecil Coletivo I e II,* 1996 e 1998), ou seja, apesar de ter sido fundado em 1990, o *Foro de São Paulo* foi, durante toda a década de 1990, um conceito ausente dentro da narrativa olavista sobre a política latino-americana e a suposta ameaça comunista.

Em verdade, o que apareceu nos discursos de Olavo de Carvalho dos anos 1990 e foi uma das teorias da conspiração mais usadas por ele é a que consta no apêndice de *A nova era e a revolução cultural,* qual seja, a de que o Comando Vermelho teria ligações com o PT, originárias da convivência entre militantes de esquerda e criminosos comuns no presídio da Ilha Grande (1969–1978). Olavo de Carvalho argumenta que, inspirados em autores como Marighela, Che Guevara e Régis Débray, os militantes das esquerdas teriam transformado o crime comum em crime organizado e político, permitindo que o Comando Vermelho se estruturasse e passasse a dominar o Rio de Janeiro (Carvalho, 2014, p. 113/115).

Essa ideia se tornaria um dos pilares retóricos mais persistentes do pensamento olavista e parece ser o *Foro de São Paulo* uma evolução dela. Com efeito, a partir dos anos 2000, Olavo de Carvalho constrói um discurso no qual o *Foro de São Paulo* é transformado em um instrumento capaz de articular narcotráfico, grupos terroristas, governos, ONGs, partidos de esquerda e instituições internacionais em um suposto projeto de dominação socialista da América Latina.

Como se nota pelos trechos abaixo destacados em linha cronológica, Olavo de Carvalho associa o Foro de São Paulo a uma narrativa de perigo permanente, na qual os líderes de esquerda latino-americana estariam unificados por uma agenda secreta contra a soberania nacional e os valores tradicionais. Nessa visão, o Foro de São Paulo deixa de ser uma plataforma de diálogo entre partidos e movimentos progressistas e se torna uma entidade quase onisciente, controlando processos eleitorais, decisões governamentais e até a opinião pública, sempre com o objetivo de implantar o que ele chama de socialismo global. O uso desse conceito vai permitir a Olavo de Carvalho articular um inimigo totalizante, que justifica a mobilização política e moral de seus seguidores e legitima uma visão de mundo na qual todas as iniciativas

de esquerda estão, de alguma forma, conectadas a um projeto oculto e central de dominação.

> *Não quero citar nomes - O Globo, 20 de setembro de 2002*
> Na primeira reunião do Foro de São Paulo, em 1991, dezenas de organizações revolucionárias assinaram com as Farc um pacto de solidariedade na base da lisonja mútua. No final do décimo encontro da mesma assembleia, em Havana, dezembro de 2001, uma declaração oficial "contra o terrorismo", maravilha da novilíngua, excluía da categoria de terroristas as próprias entidades signatárias e reservava essa classificação para os governos que tivessem o desplante de fazer algo contra elas... (Carvalho, 2013, p. 510)
>
> *O perigo sou eu - O Globo, 5 de abril de 2003*
> Também não me parece possível ocultar a evidência de que essa ligação não é só bilateral, mas envolve, em maior ou menor grau, todas as entidades participantes do Foro de São Paulo, a maior organização política do continente, da qual as farc e movimentos similares constituem os diversos braços armados, atuando em torno e dentro do território brasileiro sob a proteção do nosso governo federal, chefiado, como se sabe, pelo próprio fundador do Foro de São Paulo (Lula).
>
> *Digitais do Foro de São Paulo - Diário do Comércio, 28 de janeiro de 2008*
> Conforme afirmei desde o início, e contra todo o exército de achismos e desconversas, o Foro de São Paulo existe e é a coordenação estratégica do movimento comunista na América Latina (...) segundo as Farc, a criação desse mecanismo coordenador salvou da extinção o movimento comunista latino-americano e foi diretamente responsável pela ascensão dos partidos de esquerda ao poder em várias nações do continente.

No discurso de Olavo de Carvalho, o *Foro de São Paulo* é apresentado não apenas como uma instância de coordenação das esquerdas latino-americanas, mas também como prova de que a grande imprensa estaria submetida a um projeto ideológico comum, funcionando como instrumento de ocultamento e legitimação das ações da esquerda continental. Sendo assim, Olavo de Carvalho, um articulista do Grupo Globo, seria responsável por quebrar esse silêncio midiático.

> Desde a longa e ominosa ocultação da existência do Foro de São Paulo até o atual empenho de camuflar a tomada do poder continental por organizações comunistas (que poderia ter sido evitada sem o manto de invisibilidade protetora lançado sobre o Foro de São Paulo), é evidente que a classe jornalística no Brasil se tornou uma seita empenhada em defender os seus queridos mitos de juventude – e os grupos que os personificam – contra toda interferência dos malditos fatos (...) nossos grandes jornais e canais de TV, com efeito, não medem esforços na sua missão anestésica, modificando até o

> vocabulário da língua portuguesa para que nunca, em hipótese alguma, as coisas pareçam o que são (Carvalho, 2015).

Interessante notar que circulação desse conceito antes ou, até mesmo, durante a década de 2000, por outras pessoas que não Olavo de Carvalho é pequena, existindo algumas matérias da Revista Veja e um suposto trabalho do advogado José Carlos Graça Wagner a quem Olavo de Carvalho agradece por ter sido, supostamente, pioneiro nas investigações acerca do Foro de São Paulo (Carvalho, 2022, p. 16).

Contudo, na década de 2010, com a expansão das redes sociais, o conceito se consolida no imaginário digital das direitas. *Youtubers*, influenciadores e políticos como Rodrigo Constantino, Joice Hasselmann e Filipe Martins passam a citar o Foro como prova de que a imprensa, universidades e ONGs estariam sob domínio da esquerda. O conceito *Foro de São Paulo* se torna, assim, um dispositivo narrativo de mobilização política, capaz de traduzir diferentes posições em uma explicação unificada de natureza conspiratória. Nessa fase, o conceito migra da esfera intelectual olavista para o discurso público, convertendo-se em um *mito político* de grande circulação (Cesarino, 2022).

Estratégia de disseminação

Duas foram as estratégias de disseminação usadas por Olavo de Carvalho, as quais funcionaram em conjunto, em retroalimentação. A primeira é relação mestre/aprendiz, ou seja, aquela praticada por ele e por seus alunos espalhados em escolas, fóruns e redes sociais. A segunda, refere-se ao próprio uso estratégico que ele fazia da internet.

A relação mestre/aprendiz remota aos 1980. Em *O Jardim das Aflições*, Olavo de Carvalho deixa implícita uma admiração por René Guénon e Frithjof Schuon, e, até mesmo, José Américo Pessanha, seu nêmeses intelectual no livro, não exatamente pelo conteúdo do que estava exposto nos discursos desses mestres e professores, mas sim pela forma com que esses discursos eram expressados, mais especificamente, pela forma com que conseguiam seduzir seus alunos e seguidores em uma espécie de transe, em um sono hipnótico, nos quais, destituídos de todo o poder crítico, seus fiéis eram levados a realizar o que eles quisessem (Carvalho, 2000, p. 22 e 27).

De igual modo, Olavo de Carvalho demonstra um interesse notável por técnicas de controle e condicionamento do comportamento humano, aproximando-se de temas ligados à psicologia experimental e à manipulação social. Ele menciona explicitamente Ivan Pavlov e os mecanismos de reflexo condicionado como exemplos de como a ciência moderna pode ser instrumentalizada para dominar a mente e o corpo das pessoas. Essa preocupação se estende à Programação Neurolinguística (PNL), vista por ele como parte de um conjunto de técnicas psicológicas e comunicacionais, que buscam moldar pensamentos e condutas de forma quase mecânica, reduzindo o ser humano a um objeto de manipulação (Carvalho, 2000, p 55/60).

Olavo de Carvalho entende que essas técnicas de dominação de públicos teriam sido ampliadas de modo brutal a partir do surgimento da informática e da internet, que, com o fluxo incessante de imagens e informações, pode permitir a qualquer um, e não apenas aos aparelhos estatais, conseguirem alcançar um objetivo de lavagem cerebral de um dado grupo.

> 1. Pode-se mudar a personalidade e as convicções de um homem levando-o ao esgotamento resultante da estimulação contraditória (Pavlov). 2. Uma vez produzida uma descarga emocional por esses meios, a mesma reação pode ser repetida mediante estímulos cada vez mais fracos. A pessoa submetida a esse tratamento torna-se dócil, crédula e dependente (Sargant). 3. A estimulação contraditória pode ser produzida por meios subliminares, sem que a vítima se dê conta do que se passa (Bandler e Grinder) 4. A técnica pode ser aplicada simultaneamente a todos os membros de uma coletividade, desde que se sintam cortados de suas raízes sociais e afetivas (Conway e Siegelman). 5. O fator decisivo é o controle planejado do fluxo de informações, que pode ser realizado à distância (IBM).
> Não é preciso enfatizar as facilidades que, hoje em dia, a rede das telecomunicações e a informatização da sociedade oferecem para a aplicação dessa receita em escala nacional, continental ou planetária (Carvalho, 2000, p. 62-63).

Durante os anos 2000, Olavo de Carvalho deixou claro que via a internet como uma ferramenta libertadora e estratégica para romper o monopólio da comunicação exercido pela imprensa dominante, que ele considerava controlada por interesses *globalistas* e pelas esquerdas. A partir dos anos 2000, Olavo passou a defender que a rede permitiria uma relação direta entre intelectuais e o público, sem a mediação de grandes veículos, que ele acusava de distorcer informações e censurar vozes conservadoras. Nesse sentido, confira-se artigo publicado em 2005, no Diário do Comércio:

> O advento da internet multiplicou de tal maneira as fontes de dados ao alcance do público que, para o estudioso capaz de tirar proveito delas — um tipo raro, admito —, a experiência rotineira de ler os jornais ou ver os noticiários de TV se tornou uma lição de psicopatologia social, tal é a distância entre a realidade e o universo subjetivo dos "formadores de opinião", incluídos nisto não só os jornalistas, é claro, mas o conjunto dos indivíduos e grupos que eles costumam ouvir: políticos, líderes empresariais, professores universitários, gente do show business etc. (Carvalho, 2013, p. 261-262).

Como se vê, não foi por acaso que Olavo de Carvalho fez da internet o eixo central de sua estratégia de difusão ideológica e formação de adeptos, tornando-se um dos primeiros intelectuais das direitas brasileiras a explorar de modo sistemático o potencial político e pedagógico desse meio. A partir dos anos 2000, ele criou um ecossistema próprio, disponibilizando gratuitamente livros, artigos, vídeos e aulas, além de oferecer cursos pagos, como o Curso Online de Filosofia (COF), que funcionavam como espaços de formação intelectual e de militância cultural. Blogs, fóruns, redes sociais e plataformas de vídeo tornaram-se extensões de sua atuação, nas quais ele estabelecia um contato direto e carismático com seus seguidores, contornando a mediação da grande imprensa, que considerava subordinada à esquerda e aos interesses globalistas. Assim, sua presença digital não se limitou à difusão de ideias, mas constituiu em mecanismo de organização e mobilização, responsável por formar uma comunidade de discípulos e simpatizantes, que reproduziam, amplificavam e politizavam seu discurso no espaço público brasileiro.

Posto isso, cabe uma pergunta: qual era a forma de seduzir empregada por Olavo de Carvalho para atrair *aprendizes* dentro da *lógica da internet*?

Fábio Camaneiro (2021) argumenta que Olavo de Carvalho atuava em uma espécie de dupla contradição performativa. De um lado, assumia um papel semelhante ao de um *bobo da corte*, utilizando insultos e provocações de modo estratégico para gerar viralização e transformar suas agressões em verdades aceitas dentro de sua comunidade de seguidores. Tal como o *bobo medieval*, sentia-se autorizado a zombar de qualquer pessoa ou instituição sem limites. De outro lado, apresentava-se como um *sacerdote*, um intelectual que detinha um saber superior e acesso privilegiado à verdade. Em diversos momentos, essas duas posturas, a do provocador e a do mestre, coexistiam em suas intervenções públicas.

> Passado um século desde que Nietzsche proclamou a “morte de Deus”, nada menos que 56 por cento dos norte-americanos (estatísticas oficiais) freqüentam o culto dominical, protestante ou católico, e não é para rezar aos antepassados ou às árvores totêmicas. A opinião de Nietzsche para essa gente é cocô de mosquito (Carvalho, 2000, 94).

É nesse duplo papel que a união da lógica do mestre/aprendiz com a lógica da internet se aprofunda, convertendo a relação mestre-discípulo em um sistema de formação ideológica fechado, sustentado pela autoridade absoluta do professor e pela desconfiança em relação à intelectualidade acadêmica. À semelhança do que Adorno apoutou acerca dos radialistas fascistas dos EUA dos anos 1940, a retórica olavista combinou discurso filosófico, apoio psicológico, denúncia conspiratória, trocadilhos bobos, gestos obscenos, estruturas simples e moralmente ordenadas da realidade, e um final redentor e escatológico (Adorno, 2015). Esse conjunto conseguiu criar uma comunidade de fiéis que compartilham uma visão de mundo totalizante.

Por fim, importante ressaltar que, embora essa estratégia seja inteligente e que Olavo de Carvalho tenha enxergado o potencial multiplicador da internet logo em seu nascituro, não se pode esquecer que, como mostrou Leticia Cesarino (2022), os algoritmos das redes sociais desempenham papel central na ascensão e consolidação das direitas contemporâneas, ao privilegiarem conteúdos que despertam fortes reações emocionais, especialmente medo, raiva e indignação. Esses mecanismos de recomendação, voltados à maximização do engajamento, tendem a impulsionar discursos polarizadores e moralistas, características frequentes na retórica olavista. Assim, as plataformas digitais funcionam como amplificadores de narrativas simplificadas e conspiratórias, facilitando a circulação de desinformação e a criação de comunidades afetivas coesas. Como ensinou Cesarino, esse processo evidencia a convergência entre lógica algorítmica e dinâmica política, na qual a economia da atenção favorece performances autoritárias e antissistêmicas em detrimento do debate público racional

Considerações finais

Em conclusão, respondendo às perguntas formuladas, e tendo procedido à análise dos discursos por meio dos seus usos conceituais tem-se que os três conceitos aqui tratados foram dotados dos seguintes significados por Olavo de Carvalho e sofreram, ao longo do tempo, as seguintes transformações:

O conceito de *Deus* tinha, nos anos 1980, cunho tradicionalista. Olavo de Carvalho concebia Deus como um princípio universal capaz de unir todas as religiões verdadeiras. Já nos anos 1990, esse Deus passa a ser identificado mais claramente com o Deus cristão, entendido como antítese das forças materialistas e relativistas da modernidade. A partir dos anos 2010, Olavo adota uma concepção militante e cruzadista de Deus, que deve ser defendido em guerra espiritual contra inimigos como o Islã e o paganismo.

O conceito de *Pátria*, por sua vez, não possui destaque inicial na produção olavista, mas ganha força a partir da década de 2010, quando passa a ser associado à luta moral e espiritual entre dois *brasis*. De um lado, um país corrompido por ideias esquerdistas, globalistas e anticristãs; de outro, uma nação ideal fundada em valores cristãos e na afinidade espiritual com os Estados Unidos. Nessa visão dualista, o Brasil só encontraria redenção ao se alinhar à tradição cristã ocidental, sendo a pátria entendida menos como território e mais como uma comunidade moral e religiosa.

O *Foro de São Paulo* é apresentado por Olavo como o principal símbolo da conspiração comunista latino-americana, sendo reinterpretado por ele como uma organização clandestina de controle continental, responsável por articular traficantes, terroristas, partidos, governos e ONGs com o objetivo de instaurar uma ditadura socialista na América Latina.

Por fim, a estratégia de disseminação das ideias de Olavo de Carvalho foi fortemente marcada por seu uso da internet. Desde o início dos anos 2000, ele utilizou blogs, fóruns, redes sociais e plataformas de vídeos para suas ideias, consolidando uma comunidade de seguidores e criando uma rede de discípulos que reproduziram suas ideias nos meios digitais e na esfera pública.

Fontes

CARVALHO, Olavo de. **Astros e símbolos**. São Paulo: Nova Stella. 1985.

CARVALHO, Olavo de. **Fronteiras da Tradição**. São Paulo: Nova Stella, 1986.

CARVALHO, Olavo de**. A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi. 1994 (e-book).

CARVALHO, Olavo de**. O jardim das aflições**: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995

CARVALHO, Olavo de. **O imbecil coletivo**: atualidades inculturais brasileiras. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1996.

CARVALHO, Olavo de. **O imbecil coletivo II**: A longa marcha da vaca para o brejo e, logo atrás dela, os filhos da PUC, as quais obras juntas formam, para ensinança dos pequenos e escarmento dos grandes. Rio de Janeiro: Topbooks. 1998 (e-book).

CARVALHO, Olavo de. **O imbecil coletivo**: atualidades inculturais brasileiras. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 7ª edição, 1999 (e-book).

CARVALHO, Olavo de. **O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil**. São Paulo: É Realizações, 2000

CARVALHO, Olavo. Reale ante os medíocres. **Jornal da Tarde**, 21 de dezembro de 2000. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/reale-ante-os-mediocres/. Acesso em: 12 de ago de 2023.

CARVALHO, Olavo. A técnica da rotulagem inversa. **Diário do Comércio**, 19 de janeiro de 2011. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/a-tecnica-da-rotulagem-inversa/. Acesso em: 13 de ago. de 2023.

CARVALHO, Olavo de. **Os EUA e a nova ordem mundial** (coautor Alexandre Dugin). São Paulo: Vide Editorial, 2012 (e-book).

CARVALHO, Olavo de. **O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota**. Rio de Janeiro: Record, 2013 (e-book).

CARVALHO, Olavo. **A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014 (e-book).

CARVALHO, Olavo. **O jardim das aflições**: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil. Campinas: Vide Editorial, 2015a (e-book).

CARVALHO, Olavo. *O Islam tem seduzido muitos conservadores desesperados* [...]. https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/a.275188992633182/4314570803397705/?type=3&locale=pt_BR. 09 de jan. de 2015b. Acesso em: 23 de abr. de 2023.

Carvalho, Olavo. Descrédito Geral. Diário do Comércio, 15 de outubro de 2015. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/descredito-geral/, Acesso em: 01 de mar. de 2024.

CARVALHO, Olavo. **O Foro de São Paulo**: A ascensão do comunismo latino-americano. Campinas: Vide Editorial, 1. ed., 2022.

Referências

ADORNO, Theodor. **Antissemitismo e propaganda fascista.** In: ADORNO, Theodor. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise.** São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 152.

BENEVIDES, Maria. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 241–266.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista.** São Paulo: Boitempo, 2012.

CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. **Argumentum**, v. 13, n. 2, p. 64–82, 2021.

CAMANEIRO, Fábio. O Jardim e a Matrix: uma análise da dupla persona de Olavo de Carvalho. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 386–409, 2021.

CAMPOS, Roberto. **A lanterna na popa.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso – verdade e política na era digital.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHALOUB, Jorge. Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento de Olavo de Carvalho. **Doispontos**, Curitiba/São Carlos, v. 19, n. 2, p. 78–96, jul. 2022.

CORDEIRO, Janaína Martins. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade em São Paulo: direitas, participação política e golpe no Brasil, 1964. **Revista de História (São Paulo)**, n. 180, p. 1–19, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.167214.

DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando. Sábios segundo a carne: a crítica de Olavo de Carvalho aos intelectuais públicos. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 36, n. 76, p. 481–538, 2022.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 353.

FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário (1920–1940).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FELINTO, Erick. “Olavo tem razão”: Olavo de Carvalho, esoterismo e os mitos conspiratórios do imaginário político neoconservador. **XXIX Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020.

FRANCIS, Paulo. **Diário da Corte: crônicas do maior polemista da imprensa brasileira.** São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FRANCO, Yuri Soares. **A influência do Foro de São Paulo nas estratégias políticas das esquerdas latino-americanas (1990–2019).** 2020. 216 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Brasília, 2020.

FREEDEN, Michael. **Ideologies and Political Theory: a conceptual approach.** Oxford: Oxford University Press, 1996.

FREEDEN, Michael. **Ideology: A Very Short Introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2003.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas: do liberalismo ao fascismo.** São Paulo: Ática, 2010. p. 55–71.

HUSSNE, Arthur. Olavismo e bolsonarismo. **Revista Rosa**, n. 1, 3 mar. 2020.

MAINARDI, Diogo. **Contra o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAINWARING, Scott; MENEGUELLO, Raquel; POWER, Timothy. **Partidos conservadores no Brasil contemporâneo: quais são, o que defendem, quais são suas bases.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Loyola, 2014.

MARIUTTI, Eduardo Barros. Olavo de Carvalho e a onda conservadora contemporânea. **Texto para Discussão (Campinas)**, n. 380, p. 1–16, 2020.

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 621–648, 2017.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917–1964).** 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MUSSI, Daniela; BIANCHI, Álvaro. Antigramscismo na América Latina: circulação e tradução de ideias. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 37, p. 1–29, 2022.

OLIVEIRA, Marcus. **O Brasil no jardim das aflições: o pensamento antipolítico de Olavo de Carvalho.** In: BARBOSA, Cairo; GAIO, Henrique; PEREZ, Rodrigo (orgs.).

O signo do atraso no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Autografia, 2021. p. 307–340.

OLIVEIRA, Marcus. Gramsci no jardim das aflições. In: **Anais do VIII Encontro de Pesquisa em História da UFMG.** Belo Horizonte: UFMG, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas: o Brasil do samba, do carnaval e da ginga**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SINGER, André. **O lulismo em crise**: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018. ISBN 978-85-3593-115-0.

SAFATLE, Vladimir. **A esquerda que não teme dizer seu nome: um novo livro**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

ZANOTTO, Gisele. Plínio Corrêa de Oliveira e a defesa da pátria: nacionalismo, religião e ordem social. **Revista Brasileira de História**, v. 21, n. 42, p. 123–145, 2001.

ZANOTTO, Gisele. **TFP: Tradição, Família e Propriedade: as idiossincrasias de um movimento católico no Brasil (1960–1995)**. Passo Fundo: Méritos, 2012.

ZANOTTO, Gisele; Caldeira, Rodrigo Coppe. Facetas do tradicionalismo católico. **Revista Brasileira de História das Religiões**, n. 16, p. 3–6, 2013.

Como citar este artigo: MAGALHÃES, Bernardo de Paula. Deus, Pátria e Foro de São Paulo: três conceitos em Olavo de Carvalho. **Mosaico**, v. 17 n. 28, e1728202515, 2025. DOI: 10.12660/rm.v17n28.2025.94616.